

nara roesler

alberto pitta



alberto pitta

n. 1961, Salvador, Brasil

vive e trabalha em Salvador, Brasil

O artista Alberto Pitta tem como elemento central de seu trabalho a estamparia têxtil e a serigrafia, embora também venha se dedicando à pintura e a obras escultóricas nos últimos anos. Com uma carreira de mais de quatro décadas, a produção de Pitta é muito ligada a festividades populares e em diálogo outras linguagens, como a indumentária, seu trabalho tem uma forte dimensão pública, tendo sido o autor de estamparias presentes em blocos afro do carnaval como o Olodum, Filhos de Gandhi e o seu próprio, o Cortejo Afro.

Sua produção de estamparias teve início na década de 1980. As mesmas apresentam signos, formas e traçados que evocam elementos tradicionais africanos e afro-diaspóricos, em especial os oriundos da mitologia lorubá, muito presente em Salvador e no recôncavo baiano. Nas palavras do curador Renato Menezes: “De fato, signos, formas e traços que evocam grafismos tradicionais africanos encontraram, sobre seus tecidos, um lugar privilegiado de educação das massas e de contação de histórias que só fazem sentido coletivamente. Se a escrita, na obra de Pitta, se organiza no conjunto de padrões e cores que reinterpretem a cosmovisão yorubá, a leitura, por outro lado, diz respeito à relação estabelecida no contato entre corpos em movimento, quando as ruas da cidade viram terreiro. Pelas dobras dos tecidos que cobrem os foliões percorre um alfabeto de letras e afetos, mobilizados pela música e pela dança: é no corpo do outro que se lê o texto que nos completa”.

exposições individuais selecionadas

- *Outros Carnavais*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2024)
- *Mariwó*, Paulo Darzé Galeria, Salvador, Brasil (2023)
- *Eternidade Soterrada*, Carmo & Johnson Projects, São Paulo, Brasil (2022)
- *Homens de Ferro*, Galeria Solar do Ferrão, Salvador, Brasil (2013)

exposições coletivas selecionadas

- 36ª Bienal de São Paulo (2025)
- *Joie Collective – Apprendre a flamboyer*, Palais de Tokyo, Paris, França (2025)
- *Artistas do Vestir: Uma Costura dos Afetos*, Itaú Cultural, São Paulo, Brasil (2024)
- *Stirring the Pot*, Casa da Cultura da Comporta, Comporta, Portugal (2024)
- 24ª Bienal de Sidney, Sidney, Austrália (2024)
- *O Quilombismo*, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, Alemanha (2023)
- *Political Philosophies*, Haus der Kulturen der Welt, Berlin, Germany (2023)
- *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil (2022)
- *Um Defeito de Cor*, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil (2022)

coleções selecionadas

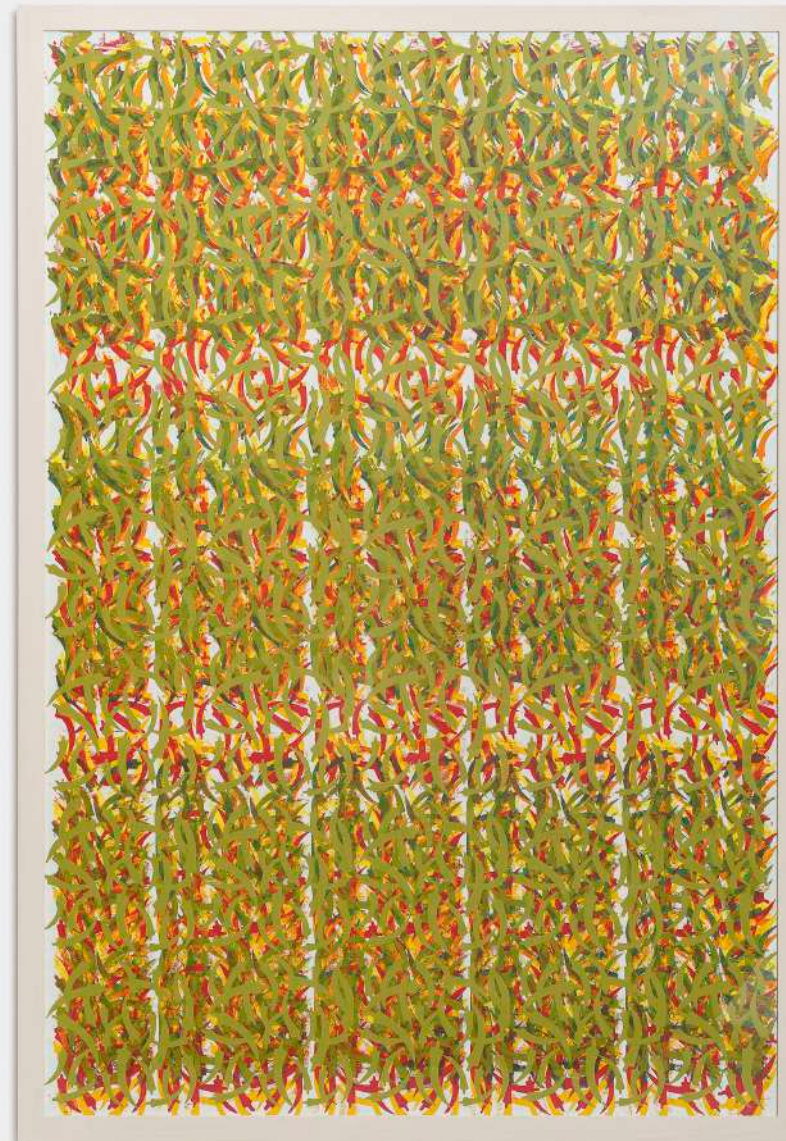
- Instituto Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de Salvador, Salvador, Brasil
- Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil

5	blocos de índios
7	códigos ancestrais
11	blocos e desfiles
18	outras linguagens

blocos de índios

Chave para o entendimento da poética de Alberto Pitta é compreender a relação que o mesmo estabelece com o carnaval da cidade de Salvador. Nesse sentido, a década de 1960 é um momento de grande importância para o festejo, pois foi nesse período em que surgiram os chamados *Blocos de Índios*, no qual os integrantes desfilavam com figurinos e adereços que remetem a culturas indígenas, sendo as baterias dos mesmos compostas por antigos integrantes das escolas baianas de samba.

Tais blocos, cada um situado em uma localidade ou bairro específico da cidade, traziam consigo duas importantes referências: a primeira, aos indígenas presentes nos filmes de faroeste americano, que gozavam de grande popularidade nos cinemas de Salvador (como os Apaches e Comanches). A segunda, ao bloco carioca do *Cacique de Ramos*. “O carnaval da Bahia foi muito influenciado pelo cinema de Hollywood, pelos filmes de Western, nos quais haviam diversos povos indígenas, como Sioux, Apaches e Cheyennes. Ironicamente, os cinemas que exibiam esses filmes levavam nomes de povos originários brasileiros: Cine Tupy, Cine Guarani, e etc” explica Alberto Pitta. Os trajes e fantasias presentes nessas agremiações eram amplamente inspirados no dos indígenas desses filmes, e por sua riqueza de detalhes, serviram como inspiração para aquilo que veio a ser a poética do artista.



Amalá, 2021
impressão sobre papel
211 x 153 cm



códigos ancestrais

A trajetória de Alberto Pitta tem início ainda na década de 1970, quando o mesmo começa a realizar estamparias para alguns blocos de carnaval menores do bairro onde morava, São Caetano, como o Obá Laye e o Zâmbia Pombo. Seu interesse por tecidos e estampas foi herdado de sua mãe: a lalorixá Mãe Santinha, educadora e bordadeira, cuja especialidade era o ponto Richelieu. Através dela, Pitta aprendeu que a vestimenta e o tecido não se restringiam a um caráter meramente utilitário ou decorativo, podendo ser também um veículo de transmissão de conhecimento e uma ferramenta de pertencimento.



←

vista da exposição *Outros carnavais*,
2024, Nara Roesler Rio de Janeiro, Brasil.

Olodum: Filhos do Mar, 1996
colagem, impressão,
tinta e caneta hidrográfica
sobre papel
145,5 x 99 cm



Fabulação, 2020
colagem, impressão,
tinta e caneta hidrográfica
sobre papel
70 x 149,5 cm



Alberto Pitta na Bienal
de Sydney, 2024

Em Salvador e no Recôncavo baiano existe uma forte presença da cultura lorubá, trazida para o local a partir do Século XVIII por meio de escravizados vindos do Oeste africano, mais especificamente os atuais países da Nigéria e do Benim. Por se tratar de uma cultura sem escrita, a principal forma de transmissão de conhecimento reside na oralidade. Nisso, entra em cena a grande importância dos ancestrais e antepassados, que mesmo depois de sua passagem continuam a exercer grande poder sobre o mundo dos vivos. A cultura lorubá, da qual surge, por exemplo, o Candomblé, é repleta de signos e símbolos, e são exatamente esses elementos visuais que Alberto Pitta emprega e trabalha em suas estamparias.

Dessa forma, suas estamparias servem também como um veículo de comunicação visual e alfabetização no que se refere a toda uma cosmovisão. Por ser, originalmente, uma poética voltada para os desfiles e apresentações de carnaval, acaba por adquirir também uma dimensão pública e uma vocação comunitária. De acordo com o artista Vik Muniz: “a iconografia dentro do trabalho dele é muito importante, e se vai aprendendo. É uma cartilha de significados, muitos deles discretos, porque o candomblé não gosta muito de falar, e Pitta vai soltando as coisas de forma homeopática”

Ave com Búzios, 1987
caneta hidrográfica
e colagem sobre papel
119,8 x 152,5 cm



blocos e desfiles

Ao longo de sua trajetória, Alberto Pitta se notabilizou pela parceria com diversos blocos da capital baiana. Inicialmente, executou as estamparias de blocos menores, em especial aqueles dos bairros em que vivia, São Caetano: Zâmbia Pombo e Obá Laye. Contudo, realizou importantes trabalhos em vários outros de grande vulto, como o Ara Ketu e o Ilê Ayê, além do Olodum, em cujo qual atuou como diretor artístico. Desde 1998, no entanto, tem seu próprio bloco: o Cortejo Afro, para o qual realiza toda a produção visual.



Cortejo Afro: 50 anos de blocos Afros II, 2024
colagem, impressão,
tinta e caneta
hidrográfica sobre papel
119,8 x 152,5 cm



NÓS NÃO SOMOS
HOSPEDEIROS DO
OPRESSOR

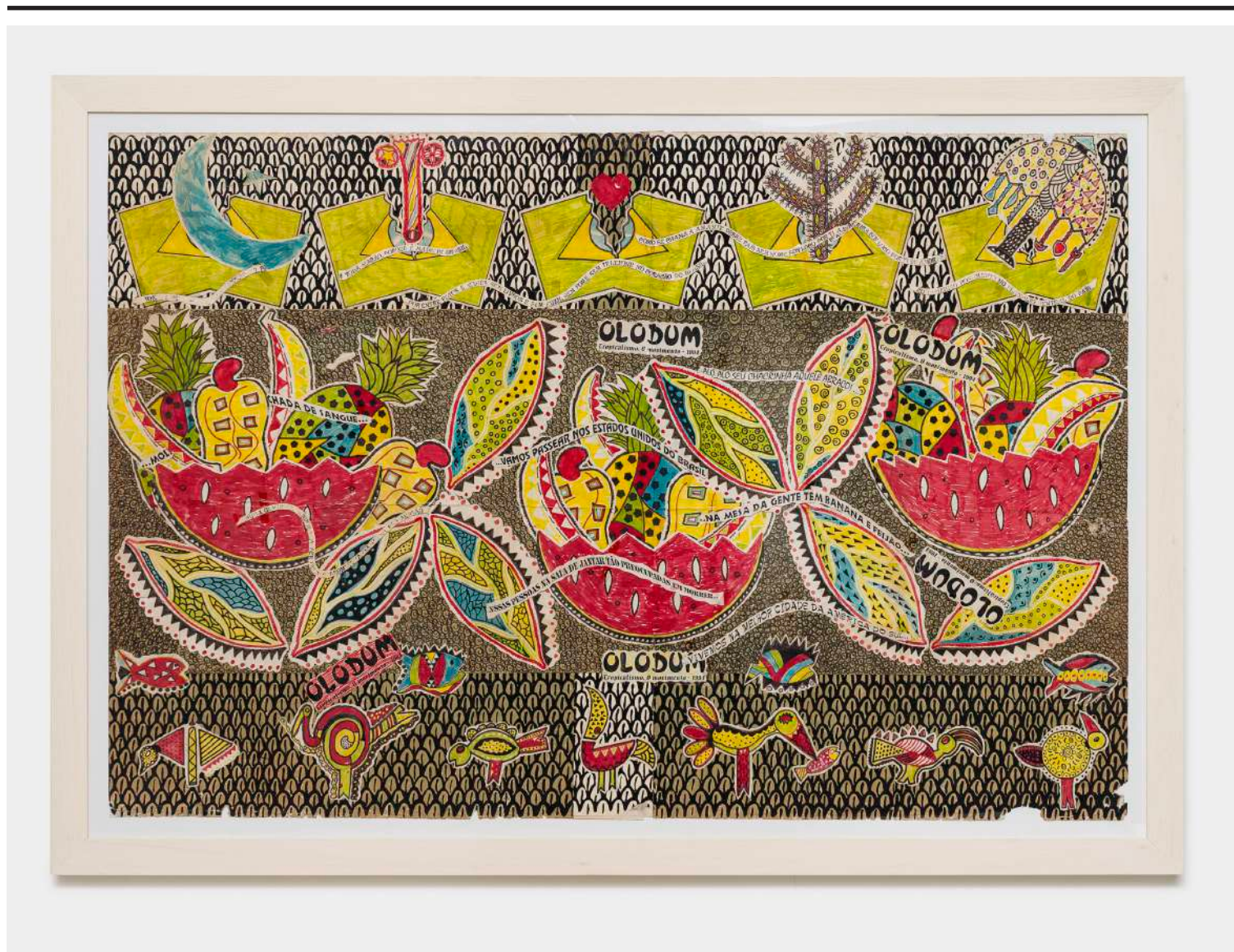
CORTEJO AFRO
A ANTÍTESE
CARNAVALESCA
DOS NAVIOS
NEGREIROS



Olodum: Índia
Caminhos da Fé, 1992
colagem, impressão,
tinta e caneta
hidrográfica sobre papel
66 x 152,5 cm



Alberto Pitta na Bienal
de Sydney, 2024



Olodum: Tropicalismo,
 o movimento, 1994
 colagem, impressão,
 tinta e caneta
 hidrográfica sobre papel
 66 x 152,5 cm



...NÃO PREOCCUPADAS EM MORRER...

LODUM

opicalismo. O movimento - 1994

...VIVEMOS NA MELHOR CIDADE DA AMÉRICA DO SUL...





Olodum: Tropicalismo,
o movimento, 1994

→
vista da exposição
Outros carnavais,
2024, Nara Roesler
Rio de Janeiro, Brasil.





outras linguagens

Com a pandemia de COVID-19 a partir de 2020, o artista viu o espaço público, local de principal trânsito de seu trabalho, ser fortemente restringido. Com isso, passou a se dedicar a diferentes linguagens e suportes, realizando trabalhos em tela e ampliando os usos da serigrafia.

Dentre esses trabalhos, se inclui a instalação *Trançatlântico*, que consiste em uma embarcação inteiramente revestida de tranças afro. As mesmas foram executadas por 21 trançadeiras do Centro Histórico da capital baiana. De acordo com o artista, esses penteados eram utilizados como uma rota de fuga durante o período da escravidão.





A série *Moradismo*, desenvolvida a partir de 2023, remete em seu título ao conceito de “Quilombismo”, cunhado pelo intelectual e artista afro-brasileiro Abdias do Nascimento. Tal ideia se baseia na experiência vivida pelos quilombolas durante a época da escravidão, que criaram modos de vida alternativos de sobrevivência e adaptação num território até então estranho e violento.

Nesse sentido, *Moradismo* traz representações da arquitetura vernacular brasileira, caracterizada pela presença de platibandas e elementos decorativos na fachada. Pitta enxerga nessa arquitetura de natureza popular uma estratégia para fazer de um território construído em cima de um violento processo colonial uma nova morada.

Dentre alguns importantes trabalhos que caracterizam essa série, se destacam: *Oxotokanxoxo*, no qual se vê representado um arco e flecha apontado para um grande pássaro. Abaixo de ambos, uma cidade com um conjunto de casarios. A composição faz referência a uma antiga lenda na qual o orixá Oxóssi, por meio de seu arco e com uma só flecha (o ofá, símbolo que o caracteriza) conseguiu matar um grande pássaro que trazia má sorte para uma aldeia.



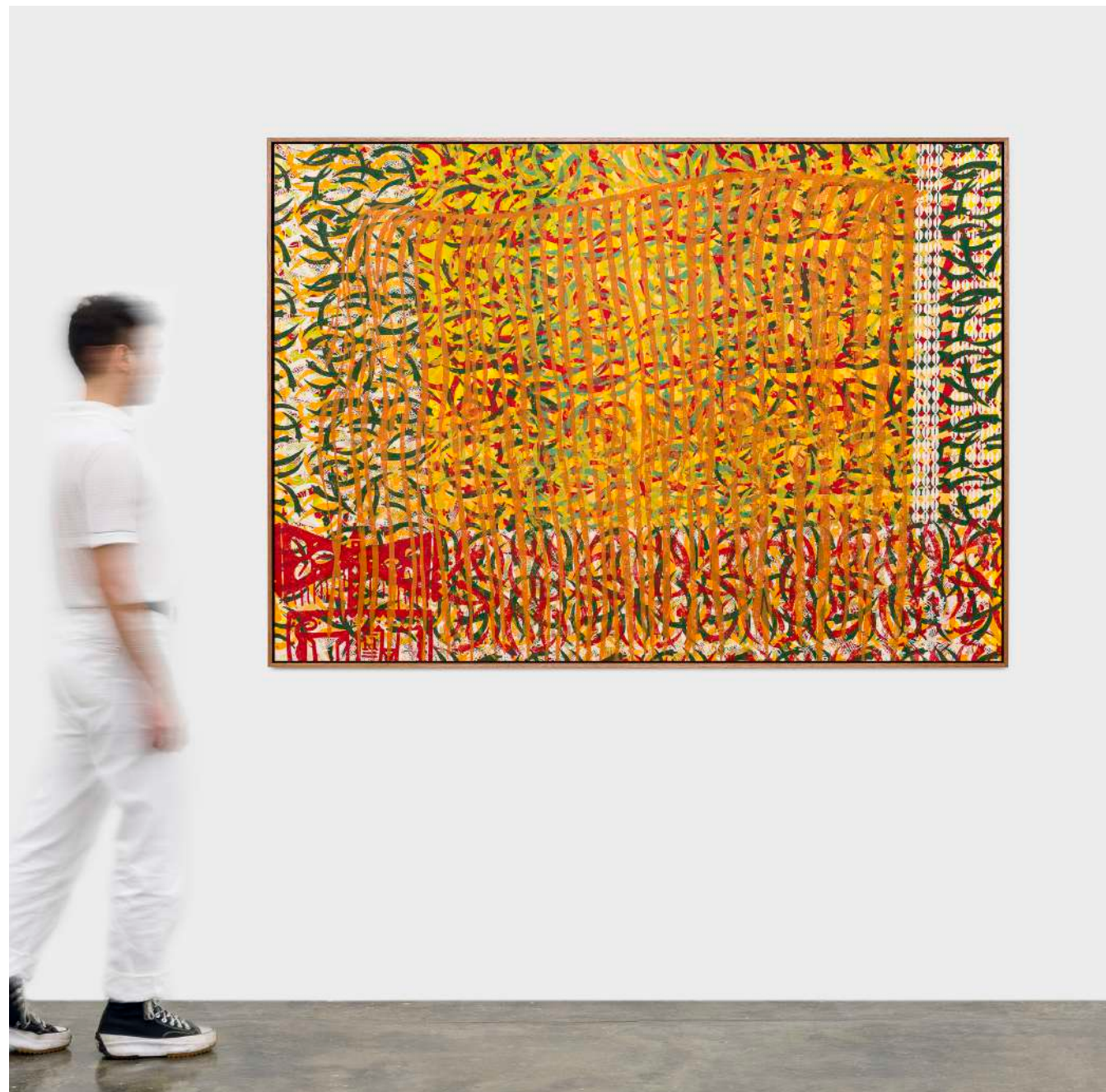
Oxotokanxoxo, 2024
pintura e serigrafia sobre tela
141 x 132 cm



Já em *Quem come quiabo não pega feitiço* e *Festa de Caboclo II*, é explorada a dimensão simbólica e festiva da energia vital da comida e sua relação com a espiritualidade, evocando também a fartura e a prosperidade para os lares.

Ile N'lá Casa Grande, da série *funfun*, na qual o artista utiliza técnicas de estamparia em branco sobre branco, tem ao centro uma figura humana com sua casa e o opaxorô, elemento da indumentária do orixá Oxalá, que simboliza a criação do mundo, dos homens e a sabedoria dos mais velhos.

*Quem Come Quiabo
Não Pega Feitiço*, 2024
pintura e impressão sobre tela
126 x 177 cm





Ilê N' Lá - Casa Grande, 2024
tinta acrílica, adesivos, impressão
pintura e impressão sobre tela
168 x 200 cm





Procissão, 2021
caneta hidrográfica, colagem
e tinta guache sobre papel
40,5 x 29,7 cm

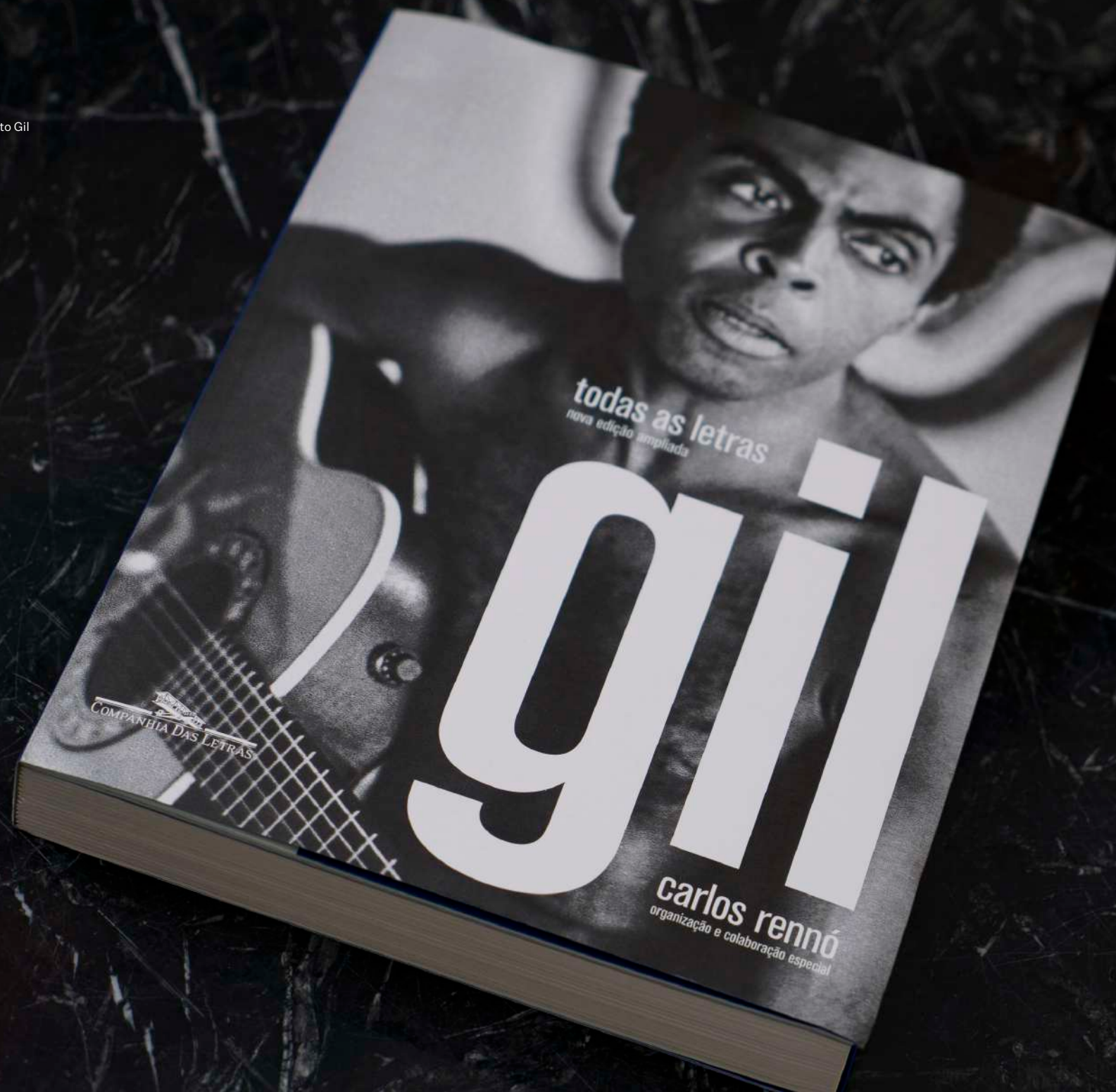


Expresso 2222, 2021
caneta hidrográfica, colagem
e tinta guache sobre papel
40,5 x 29,7 cm

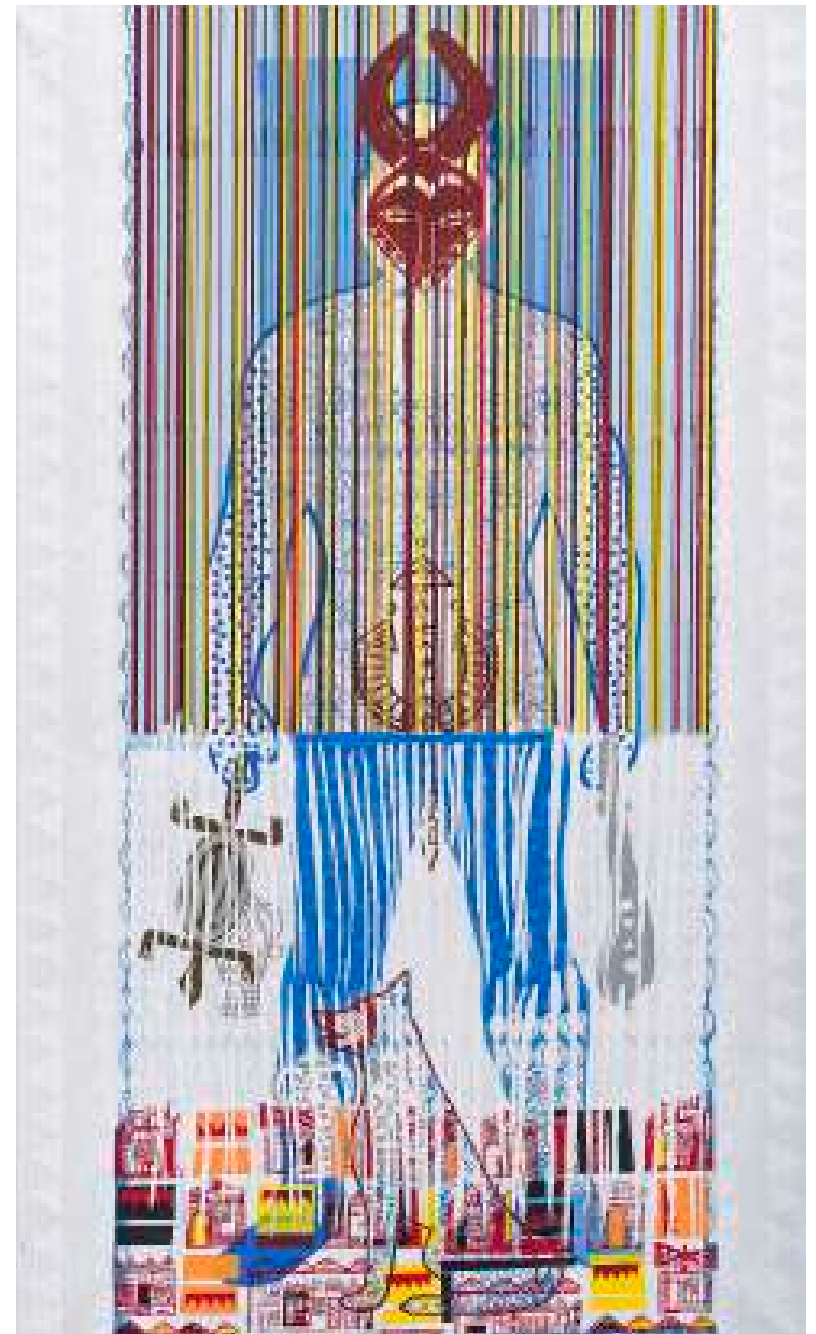


vista da exposição
Outros carnavais,
2024, Nara Roesler
Rio de Janeiro, Brasil.

Capa do livro
todas as letras Gilberto Gil



Exu com Ogum, 2023
pintura e serigrafia sobre tela
300 x 188 cm





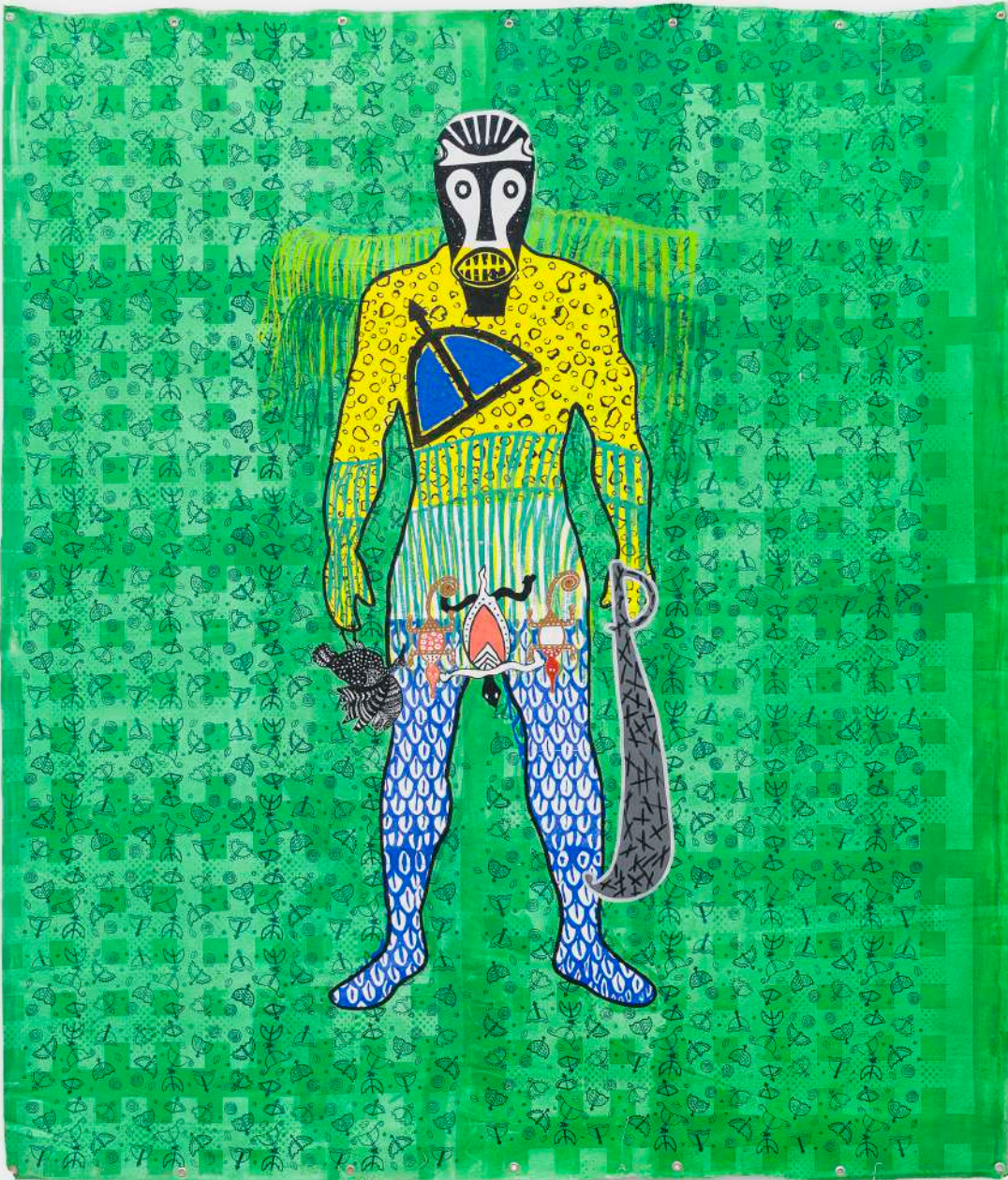
Ibeji, 2023
pintura e serigrafia sobre tela
168 x 157 cm



Caruru de Ibeji (série Moradismo), 2023
pintura e serigrafia sobre tela
335 x 300 cm



Haus der Kulturen der Welt, 2023
vista da exposição
Berlin, Alemanha



Olode: senhor dos
caçadores, 2023
tinta e impressão sobre tela
351 x 303 cm





Guardiões de Moradismo (série Moradismo), 2023
pintura e serigrafia sobre tela
370 x 350 cm



Fartura, 2023
tinta e impressão sobre tela
338 x 315 cm



A Eleye que Pousou no
Palácio de Oduduwa, 2023
tinta e impressão sobre tela
332 x 314 cm

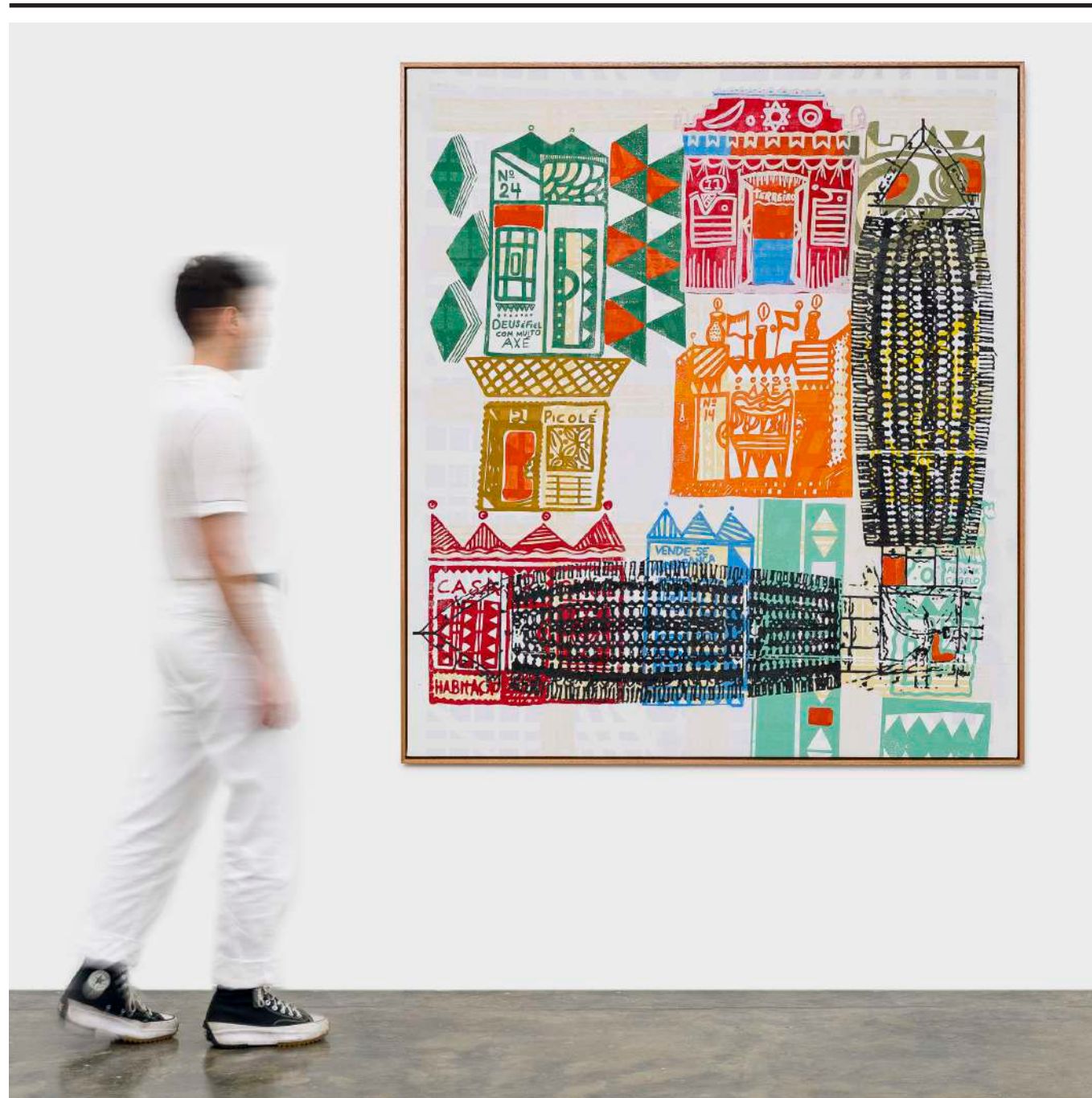


O Quilombismo: Of Resisting and
Insisting. Of Flight as Fight. Of other
Democratic Egalitarian Political
Philosophies, Haus der Kulturen der
Welt, Berlin, Alemanha (2023)



vista da exposição
Collective Joy -
Learning Flamboyance!, 2025
Palais de Tokyo, Paris, França



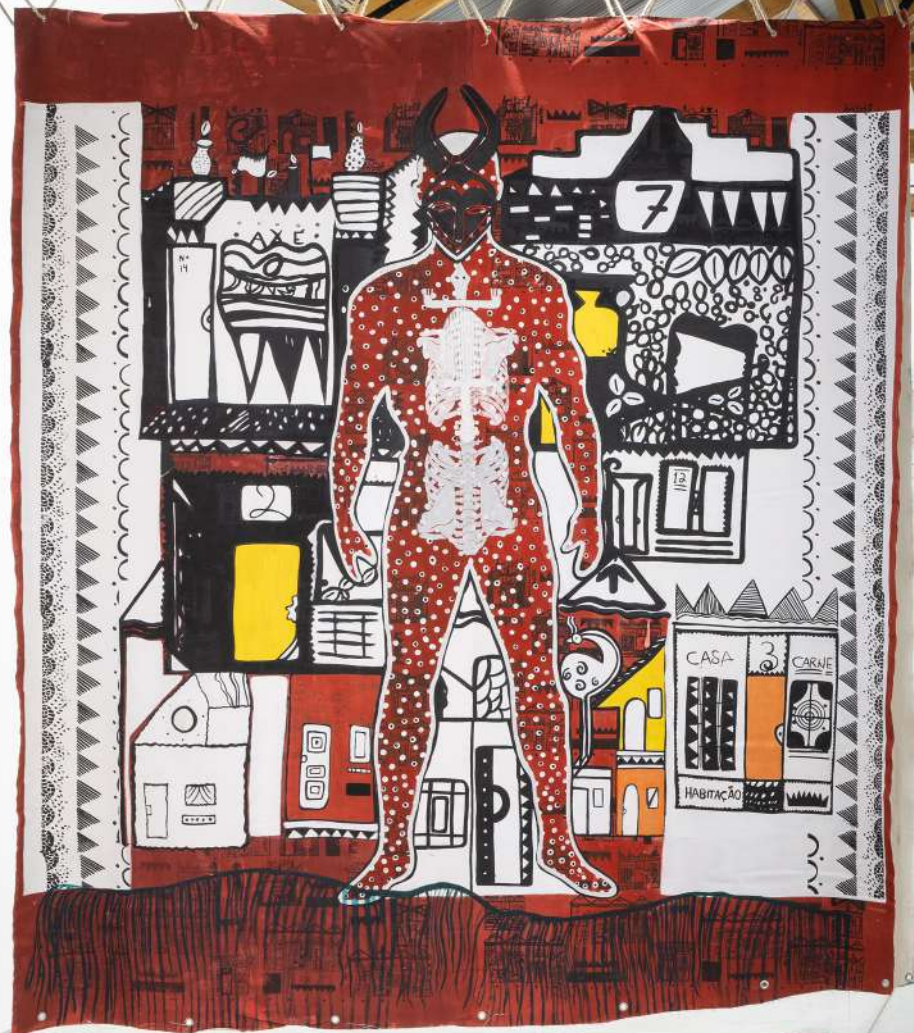


Atlântico (Série Moradismo), 2023
tinta e impressão sobre tela
166 x 147 cm



Bàbá Alapalá 2 (Série Mariwô), 2024
tinta e impressão sobre tela
163,5 x 135,5 x 3,5 cm

Stirring the Pot, 2023
vista da exposição
Casa da Cultura da
Comporta, Portugal





Namorados, 2020
tinta e impressão sobre tela
156 x 171 cm



Homem de Oxalá, 2024
tinta e impressão sobre tela
173 x 158 cm



Opaxarô, 2024
tinta e impressão sobre tela
205,5 x 143 cm

→
vista da exposição
Outros carnavais,
2024, Nara Roesler
Rio de Janeiro, Brasil.



nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ippanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 w 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art